

» Entrevista | **RICARDO CAPPELLI** | PRESIDENTE DA ABDI

Para o ex-secretário do Ministério da Justiça, tanto Brasil quanto Estados Unidos saem prejudicados com a guerra das tarifas. Ele critica a família Bolsonaro

“Eduardo Bolsonaro tem postura de bandido”

» CAETANO YAMAMOTO*

Preocupado com os efeitos para a indústria por causa da crise entre Brasil e Estados Unidos, o presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Ricardo Cappelli, avalia a postura da família Bolsonaro como inaceitável e prejudicial ao país. Em entrevista ao programa CB.Poder — uma parceria do Correio com a TV Brasília —, o ex-secretário executivo do Ministério da Justiça e Segurança Pública afirma que há uma motivação ideológica na decisão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de sobretaxar os produtos brasileiros. “Eu respeito quem é de direita, respeito quem é de esquerda, tem a direita clássica no Brasil — que eu não concordo, mas também respeito. Mas o Eduardo Bolsonaro tem uma postura de moleque e de bandido contra o Brasil”, disse aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Roberto Fonseca.

Qual o impacto da ofensiva norte-americana na economia brasileira?

O governo brasileiro tem procurado conversar com as autoridades norte-americanas, com o empresariado brasileiro — e tem agido com equilíbrio, com cautela, buscando preservar pragmaticamente os interesses brasileiros. Vamos ver o que acontece até o final do mês, que é o prazo dado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para entrar em vigor as tarifas. Até o fim do mês, muita coisa pode acontecer. Esperamos que Trump recue, pois não há motivo econômico para que essa tarifa seja aplicada. Os EUA têm superávit comercial com o Brasil, então, é favorável a eles a balança comercial. Nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, quem mais ganha são eles.

Acredita que as tarifas estão sendo usadas com outro objetivo?

Parece uma tentativa de interceder no Judiciário brasileiro — que é uma coisa estapafúrdia, uma outra nação quer se intrometer em um processo da Justiça brasileira. A carta do presidente Donald Trump é uma agressão à soberania do Brasil, é uma agressão ao Poder Judiciário. E ele escalou essa agressão ao cancelar os vistos dos ministros do Supremo Tribunal Federal. Tudo isso para proteger uma família que está enrolada, respondendo ao processo no STF. Não é razoável submeter o Brasil, um país com as dimensões, com a importância que tem, aos interesses específicos de alguém.

Como avalia o clã Bolsonaro e seus afiliados?

Eu trabalhei com segurança pública durante um tempo. Quando vi o vídeo do Eduardo Bolsonaro ameaçando o Brasil, a impressão que eu tive foi a de estar assistindo o vídeo de um sequestrador, de um líder de organização criminosa, falando, exigindo resgate e dizer: “ou vocês fazem o que eu quero ou eu vou...”. Isso é linguagem de sequestrador, de criminoso.

Como o empresariado está reagindo, quais são as principais dúvidas, quais são os questionamentos que estão chegando ao governo?

É um momento de turbulência. Não é só no Brasil. Donald Trump está distribuindo tarifas por todo o planeta. Claro que isso não é bom para o empresariado, nem para as empresas. A indústria não se faz indústria do dia para a noite, são investimentos pesados feitos para retornos a médio e longo prazo. Quando se tem essas trepidações, cria-se, no mínimo, insegurança com relação ao médio e longo prazo. O mundo está vivendo um momento de transição de hegemonia econômica para a Ásia. O governo tem que agir sempre com o máximo de equilíbrio.

Bruna Gaston CB/DA Press



A prisão preventiva de Bolsonaro só não foi decretada porque era isso que ele queria para criar uma comoção em torno dele, pois do ponto de vista técnico, há elementos suficientes. Está claro que ele está fazendo conspiração, movimentos para tentar intimidar o Supremo Tribunal Federal”

Qual a situação econômica do país diante de tudo isso?

As prévias do PIB deste ano indicam que vamos continuar crescendo. No primeiro trimestre de 2025, a taxa de investimento cresceu 9,1% com relação ao mesmo trimestre do ano passado. Isso significa uma demonstração de confiança do empresariado no Brasil, porque ninguém investe se não tiver confiança. Começamos o ano muito bem, tivemos essa turbulência, mas, agora, o papel do governo é dialogar e agir com pragmatismo. Não é porque o presidente dos Estados Unidos resolveu ideologizar as relações comerciais, econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos, que o país vai pelo mesmo caminho. Estamos confiantes que vai prevalecer o bom senso. Donald Trump já recuou várias vezes. Ele anunciou várias tarifas para outras nações e depois recuou. Não é razoável que o presidente dos EUA se submetam aos caprichos da família Bolsonaro.

Pelas tratativas e pelas conversas que têm sido mantidas agora na negociação tarifária, percebe-se esse componente ideológico?

Ele é mais explícito na liderança política do governo norte-americano. Você tem técnicos, você tem diplomatas que são negociadores. O que está acontecendo é muito grave, porque um ataque à Suprema Corte, quando caça o visto dos de oito ministros, está sendo feito um ataque direto à Suprema Corte. É um ataque sem precedentes à soberania do país. Então, é muito grave o que está acontecendo. Eu vi Eduardo Bolsonaro atacando e ameaçando a Polícia Federal do Brasil. A PF é referência internacional, o delegado Valdecy Urquiza, por exemplo, é chefe da Interpol. Nunca um delegado de um país do sul global tinha ocupado essa posição. E aí Eduardo Bolsonaro publica um vídeo ameaçando a Polícia Federal. Esses fatos são inaceitáveis. Não se trata de uma coisa de direita

ou esquerda. É questão de soberania do Brasil.

Houve uma negociação paralela, capitaneada pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Isso criou um problema?

O governador Tarcísio, na minha avaliação, está saindo menor desse episódio, porque ele tinha dois caminhos. São Paulo não é qualquer unidade da Federação, é o principal centro industrial do Brasil. Se a indústria for afetada, o estado mais afetado será SP. Só que o governador, entre defender as indústrias paulistas, escolheu se submeter aos interesses de uma família. É lamentável isso. O vice-presidente Geraldo Alckmin governou São Paulo por quatro vezes. Por isso, não por acaso, ele é um estadista como ele se apresenta para o Brasil e para o mundo. Você não pode governar São Paulo se portar como assessor de uma família.

Só o governo brasileiro deve negociar com os EUA?

As negociações são institucionais, não pessoais. A família Bolsonaro acha que o Brasil é um boteco: quem ele vai ali, negocia e abaixa o preço. O país não é isso, tem uma história, tem uma instituição. Então, uma tarifa de um outro país é negociada pelas instituições. Tem o corpo diplomático brasileiro que é referência no mundo, tem o Itamaraty. Aí vem o Eduardo Bolsonaro, com pinta de líder de organização criminosa, de sequestrador, “Me dá o que eu quero. Polícia Federal, tô de olho.” Eu respeito quem é de direita, respeito quem é de esquerda, tem a direita clássica no Brasil — que eu não concordo, mas também respeito. Mas o Eduardo Bolsonaro tem uma postura de moleque e de bandido contra o Brasil. Se submeter a isso é inacreditável.

Sobre o caso Bolsonaro, acredita que já há, inclusive, elementos para a decretação, por exemplo, de uma prisão preventiva do ex-presidente?

Na minha avaliação, a prisão

preventiva de Bolsonaro só não foi decretada porque era isso que ele queria para criar uma comoção em torno dele, pois do ponto de vista técnico, há elementos suficientes. Está claro que ele está fazendo conspiração, movimentos para tentar intimidar o Supremo Tribunal Federal e tentar atrapalhar o processo que está em curso. Tecnicamente, quando se fala de um réu que está tentando incidir sobre o processo, para prejudicar o andamento da ação, esse é um elemento clássico para a decretação da prisão preventiva. Acredito que não foi decretada a prisão porque se trata de um ex-presidente, e o Supremo teve cautela. No entanto, há elementos de sobre, porque ele segue conspirando contra o Poder Judiciário, contra o país.

Quais os impactos que a família Bolsonaro está causando na economia brasileira?

Ele está prejudicando e atacando as exportações brasileiras. O que os exportadores têm a ver com isso? Quando eu vi a notícia, eu fiquei lembrando do PaneBras, do seu Jurandir do Gama. Não sei se a população do Distrito Federal sabe, o PaneBras, que é uma indústria da região administrativa do Gama, exporta todo mês 400 toneladas de pão francês, croissant e pão de queijo — sendo que 270 toneladas somente para os Estados Unidos. O que a PaneBras tem a ver com as loucuras da família Bolsonaro? A indústria do Distrito Federal pode ser taxada por causa das loucuras da família Bolsonaro. Atacar o Brasil, atacar a economia nacional, todos os setores vão ser prejudicados, até mesmo o setor de comunicação. Se as empresas e as indústrias têm seus negócios abalados em função dessa irresponsabilidade de Bolsonaro, elas vão reduzir os investimentos dela em publicidade, que financiam, inclusive, os veículos de comunicação. Então, toda a cadeia pode ser afetada.

* Estagiário sob a supervisão de Luana Patriolino

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

maurenilson freire



Bolsonaro dobra aposta na crise de Trump com Lula e acirra polarização

A semana começou em alta voltagem. O ex-presidente Jair Bolsonaro dobrou a aposta no caos institucional e na narrativa de perseguição política para manter viva a polarização com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em meio à crise diplomática com os Estados Unidos, provocada pelo tarifação de 50% de Donald Trump sobre os produtos brasileiros, o ex-chefe do Planalto intensificou sua atuação política. Mesmo com as limitações das medidas cautelares adotadas pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes — que o mantém monitorado por tornozeleira eletrônica e proíbe entrevistas públicas e postagens nas redes sociais.

Ontem, Bolsonaro desafiou os limites das medidas cautelares. Pela manhã, havia concedido uma entrevista à jornalista Andréia Sadi, da Globo News. À tarde, esteve no Congresso para reuniões com deputados e senadores da oposição. Apesar da recomendação de advogados para evitar declarações públicas, desafiador, o ex-presidente aproveitou a saída do encontro para produzir matéria prima para postagens nas redes. Ao apontar para a tornozeleira eletrônica, reforçou o discurso da vítima: “Não roubei os cofres públicos, não desviei recurso público, não matei ninguém. Isso aqui é um símbolo da máxima humilhação em nosso país. Uma pessoa inocente”.

Houve tumulto na Câmara, entre os próprios bolsonaristas, no qual o deputado federal Nikolas Ferreira foi machucado, porque alguém bateu com o celular no seu rosto ao fazer uma selfie. A estratégia de Bolsonaro é mobilizar a sua base mais radical, para pautar uma anistia aos condenados pela tentativa de golpe de 8 de janeiro na Câmara e o impeachment de Moraes, no Senado. O endurecimento de Trump contra o Brasil é seu combustível para reacender a polarização interna. A carta do presidente americano a Lula, na qual justificou as tarifas de 50% sobre nossas exportações por supostos “ataques à liberdade de expressão” e pelo julgamento de Bolsonaro no STF, é munição política para o ex-presidente.

Bolsonaro tenta se colocar como peça central de uma guerra maior, apresenta-se como vítima de um complô de Lula e Moraes. O presidente Trump, ao endossar a defesa de Bolsonaro, fortalece o discurso de perseguição, que se mantém como narrativa da oposição. Enquanto Bolsonaro atua no campo do tarifação de 50% contra as empresas brasileiras e das ameaças de Trump ao Supremo, Lula aposta no multilateralismo e no reforço das instituições democráticas para enfrentar a crise comercial e diplomática. A estratégia do Itamaraty é cuidar da questão comercial e não tratar do julgamento, atribuição do Supremo, que não pretende entrar numa guerra por causa das retaliações aos seus ministros da Casa Branca, que casou os vistos de Moraes; do presidente da Corte, Luís Roberto Barroso; do vice Edson Fachin; e mais quatro integrantes: Cármen Lúcia, Dias Toffi, Cristiano Zanin e Flávio Dino.

Aliança democrática

No Chile, ao lado de Gabriel Boric, Lula defendeu que a democracia não é tarefa exclusiva dos governos, mas exige participação da sociedade civil, da mídia, do setor privado e da academia. Também participaram do evento Democracia Sempre os líderes da Colômbia, Gustavo Petro; Espanha, Pedro Sánchez; e do Uruguai, Yamandú Orsi. Ele defendeu reformas estruturais, taxaço dos super-ricos e um novo modelo de desenvolvimento para enfrentar desigualdades. Marcada muito antes da crise, a reunião “Democracia Sempre” também tratou do combate à desinformação e da regulamentação das plataformas digitais. “A liberdade de expressão não pode ser confundida com autorização para incitar violência e atacar o Estado democrático de direito”, disse o petista, defendendo uma governança digital global.

Os cinco líderes também concordaram sobre a necessidade de regulamentação das plataformas digitais e do combate à desinformação para “devolver aos Estados a capacidade de proteger os seus cidadãos”. Segundo Lula, “a chave para um debate público livre plural é a transparência de dados e uma governança digital global. Que a liberdade de expressão não se confunda com a autorização para incitar a violência, difundir o ódio, cometer crimes e atacar o Estado democrático de direito”.

Do lado econômico, a crise ganha contornos cada vez mais delicados. Alexandre de Moraes determinou investigação sobre possível uso de informação privilegiada (insider trading) no mercado cambial antes do anúncio do tarifação. A AGU identificou compras de até US\$ 4 bilhões em dólar horas antes da medida, com lucros que podem ter alcançado 50% em três horas. O movimento sugere acesso prévio a informações sigilosas, levantando suspeitas de operação orquestrada.

No governo brasileiro, o vice-presidente Geraldo Alckmin, que responde interinamente pela Presidência, iniciou negociações com big techs e representantes do comércio internacional para tentar reverter as tarifas. Interesses das grandes empresas de tecnologia também influenciaram Trump, como retaliação à ofensiva do STF sobre a regulação das redes sociais, e a investigação sobre o PIX. A disputa, portanto, extrapola o comércio e ganha contornos geopolíticos e ideológicos. Para Lula, o desafio é resistir e manter o Brasil no bloco que defende democracia, inclusão social e multilateralismo. Para Bolsonaro, quanto mais acirrada a crise, melhor: ele aposta no confronto para sobreviver politicamente e manter sua base.